

Sem treinamento médico,
este ex-jardineiro se tornou
parte importante de uma
equipe cirúrgica pioneira

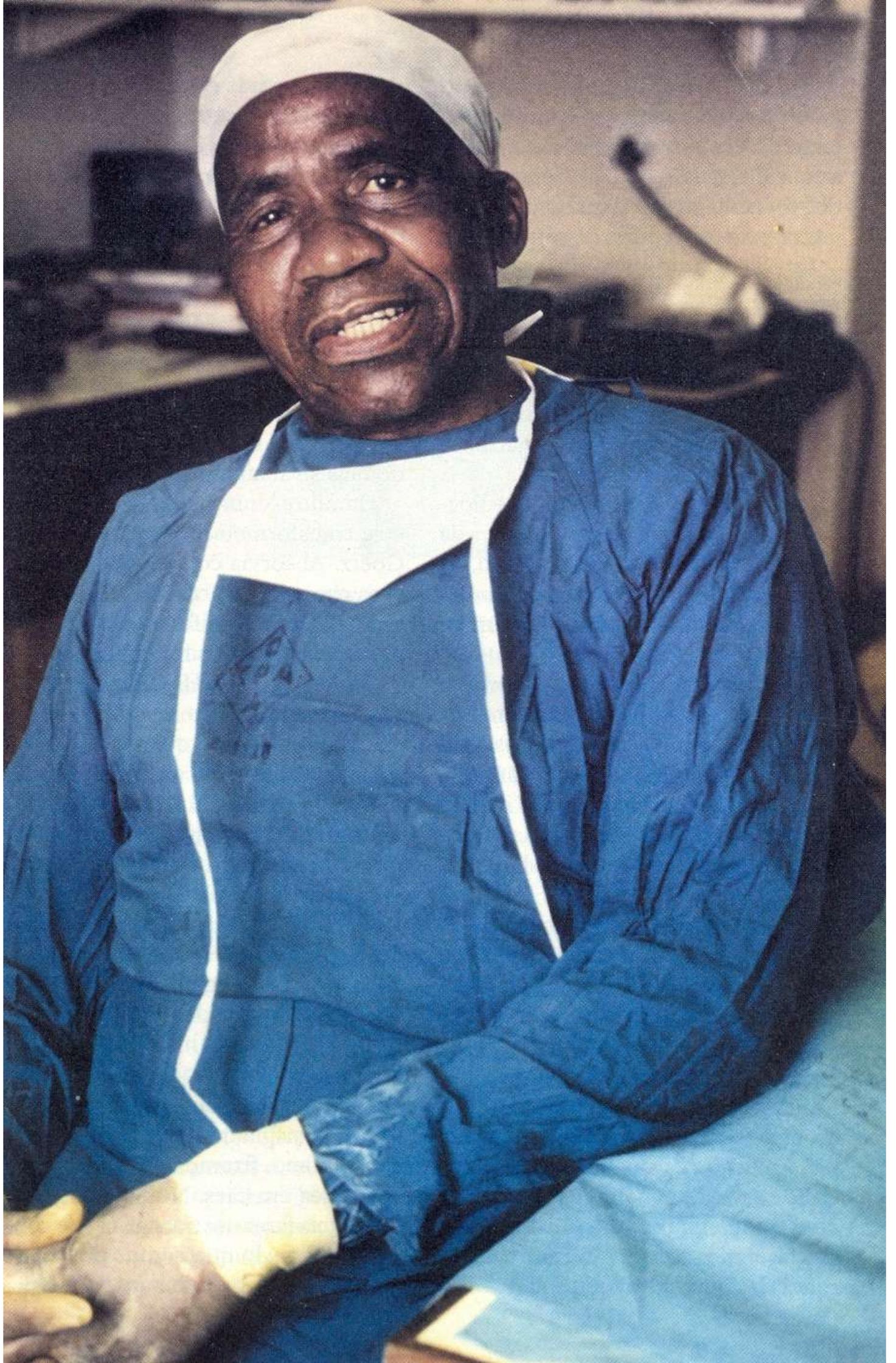
Coração de ouro

POR ROSEMARY HICKMAN
CONFORME RELATO A JUDY VAN DER WALT

Hamilton Naki encontrava-se diante de uma mesa cirúrgica de aço inoxidável vestindo avental verde e botas de borracha brancas. Ao pegar o bisturi com a mão imensa, o cirurgião-pesquisador em treinamento, que estava ao seu lado, esticou o pescoço para observar melhor.

A luz intensa do holofote brilhou sobre o rosto largo de Hamilton, e sua expressão tornou-se séria ao se inclinar na direção do abdome exposto sob o lençol cirúrgico azul. Sem a menor hesitação, ele foi abrindo o paciente com o bisturi, do peito ao abdome, com um corte de quase 30 centímetros de comprimento.

Suas mãos afastaram cuidadosamente os intestinos, de maneira que a cavidade abdominal se revelasse vazia à sua frente. Foi cortando os tecidos em torno do fígado enquanto os dedos longos e fortes dançavam por cima das veias e artérias que ele havia soltado, prendendo-as com pinças e as amarrando.



Quando só os principais vasos sanguíneos ligados ao fígado continuavam intactos, ele pôs os intestinos de volta e cobriu a incisão com um lençol estéril. “O fígado do porco está pronto para o transplante, Mama”, disse-me ele.

Os olhos do cirurgião em treinamento se arregalaram quando ele se deu conta de que Hamilton não era o cirurgião-chefe. Na verdade, o *xhosa* alto, natural de uma empobrecida região rural, jamais freqüentara uma faculdade de medicina e tinha apenas oito anos da mais básica instrução.

Eu era professora-assistente e liderava a equipe de pesquisa cirúrgica da Universidade da Cidade do Cabo, na África do Sul, e há 30 anos Hamilton era a pessoa do laboratório em quem eu mais confiava.

Seu primeiro emprego na universidade fora de jardineiro. Mas, um dia, seria integrante da equipe de pesquisa cirúrgica pioneira que abriu caminho para um dos momentos mais importantes da história da medicina: o primeiro transplante de coração humano.

Descalço Hamilton nasceu em 1926, na remota região de Centani, em Cabo Leste. Cresceu vestindo peles de cabra, correndo descalço pelas colinas verdejantes e tangendo gado.

Sua família era muito pobre e, mais ou menos aos 16 anos, ele não teve escolha senão deixar a escola para trabalhar. Pegou carona por mais de 900 quilômetros até a Cidade do Cabo e conseguiu emprego na universidade: sua tarefa era conservar o gramado ao redor das quadras de tênis.

Essas quadras estavam localizadas no *campus* da recém-inaugurada faculdade de medicina. Certo dia, o professor Robert Goetz ia dissecar uma girafa para descobrir por que esses animais não desmaiam quando dobram o longo pescoço ao beber água. Ele precisava de braços fortes para ajudá-lo; saiu do prédio e chamou o jardineiro robusto.

A autópsia pioneira de Goetz revelou que as girafas possuem válvulas de uma só via nas veias que impedem que o sangue flua para o cérebro quando elas se abaixam.

Hamilton continuou no laboratório e se transformou no braço direito de Goetz. Absorvia conhecimento como uma esponja, e aprendeu a anestésiar animais, realizar diferentes formas de cortes e suturas e administrar o soro.

Então, em 1958, Hamilton teve seu segundo momento de sorte. O Dr. Christiaan Barnard, que um dia ficaria famoso por realizar o primeiro transplante de coração humano, chegou ao laboratório de pesquisa para fazer sua primeira cirurgia a céu aberto em cães abandonados. Essa pesquisa se transformaria no legado duradouro de Barnard e salvaria centenas de vidas.

Antes de sua morte, em 2001, Barnard disse em um documentário: “Hamilton era muito habilidoso. Então passei a lhe dar cada vez mais atribuições. Antes de realizarmos nosso primeiro transplante de coração em um ser humano, fizemos 48 transplantes cardíacos em cães. No fim, Hamilton conseguia fazer um transplante de coração melhor do que alguns dos cirurgiões juniores que vinham para cá.”

É difícil descrever o que é habilidade cirúrgica. É necessário ter destreza e precisão, mas os melhores cirurgiões têm um “não-sei-quê” indefinível, mais bem descrito como intuição ou instinto. Hamilton tinha isso.

Durante 30 anos Hamilton Naki trabalhou em um laboratório na Universidade da Cidade do Cabo. Aqui ele demonstra técnicas de cirurgia para uma equipe de médicos.



Quando, no dia 3 de dezembro de 1967, o Hospital Groote Schuur viu-se sob os holofotes da mídia por causa do primeiro transplante de coração humano, uma das pessoas mais próximas de Barnard, em muitas das fotografias, era um sorridente Hamilton. Apesar de não estar envolvido no transplante em si, Barnard o considerava um valioso integrante de sua equipe de pesquisa.

Certo dia, no entanto, um jovem pesquisador europeu tratou Hamilton de maneira desrespeitosa, e este, que não admitia ser destrutado, pediu transferência para outro laboratório.

Pesquisa em fígados Foi assim que Hamilton e eu começamos a trabalhar juntos. Quando eu estendia a mão, Hamilton já estava a postos com o instrumento correto em punho. Quando eu suturava um animal, sua mão estava bem atrás da minha, mantendo a tensão do fio de seda. Ele me chamava de

“Mama”, uma expressão de imenso respeito vinda de um homem *xhosa*.

Era o início da década de 1970, e pesquisávamos transplantes de fígado, o que era bem mais complicado do que transplantes de coração, por ser o fígado

do um órgão tão complexo.

“Hami”, como o chamávamos no laboratório, aceitou o desafio. Certo dia, ele me disse: “Mama, olhe só isto aqui. Esta artéria hepática tem uma ramificação a mais.” Fiquei assombrada. Ele não só havia notado a artéria incomum como a chamara pelo nome anatômico correto. Poucos estudantes de medicina com algum treinamento em anatomia teriam aquele conhecimento.

Com o tempo, esse homem ensinaria técnicas cirúrgicas para gerações de cirurgiões da única maneira possível: pela demonstração. Muitos indivíduos arrogantes entravam naquele laboratório achando saber tudo e caíam em profundo silêncio ao perceber que ali estava um mestre em ação.

Ele possuía a capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Podia ajudar cirurgiões, vigiar monitores, prestar atenção no anestésico e, às vezes, balançar o berço do meu bebê.

Uma vez, ouvi gargalhadas vindas de uma imensa caixa de papelão que embalara um equipamento do laboratório. Hamilton havia construído uma casa de bonecas e engatinhava dentro dela com minha filha pequena.

dar o laço. Logo aprendi que estava diante de um homem que compreendia técnicas de cirurgia vascular melhor do que qualquer outro.”

Quando havia um momento de tranquilidade no laboratório, Hamilton lia



Hamilton Naki recebeu o diploma honorário da Universidade da Cidade do Cabo em junho de 2003, junto do arcebispo Njongonkulu Ndungane (à esquerda) e do empresário e ativista Pieter Dirk-Uys (à direita).

Muitos dos cirurgiões que tiveram aulas com Hamilton se tornaram professores universitários e profissionais de primeira linha, em todo o mundo. Era freqüente ele receber crédito quando os trabalhos desses profissionais eram publicados.

Hamilton não se deixava intimidar. O Dr. Brian (Benzy) Cohen, que hoje dirige um centro nacional de fertilidade no Texas, estava realizando uma complicada cirurgia na veia principal de um porco. Quando ia dar o último ponto, prestes a completar o procedimento, Hamilton – que fizera a cirurgia muitas vezes – disse: “Chega, Benzy. Amarre logo.”

Acreditando que um ponto extra impediria qualquer chance de sangramento, Cohen deu o ponto, e a cirurgia fracassou. Na vez seguinte, recorda-se Cohen: “Quando Hamilton disse, ‘Benzy amarre agora’, minha resposta imediata foi, ‘Sim, Hamilton’, e tratei de

a Bíblia ou ia até o cemitério, para onde alguns mendigos também iam. Eu costumava vê-lo sentado num banco, tentando convencê-los a mudar de vida.

Revoltas na cidade Em 30 anos, Hamilton quase nunca faltou ao trabalho, apesar de as revoltas contra o *apartheid*, na década de 1980, muitas vezes interromperem o transporte público. Às vezes, ele saía de casa antes de as barreiras serem colocadas entre os municípios e chegava ao trabalho às 3h da manhã. Embora eu tenha a certeza de que ele precisasse caminhar longas distâncias, chegava ao laboratório todo dia às 6h, o corpanzil num terno muito bem passado, gravata, chapéu e sapatos engraxados.

Embora as leis do *apartheid* na África do Sul ditassem onde Hamilton podia morar e qual escola podia frequentar, ele ficava indignado com a idéia de que ser negro não lhe permi-

tia chegar a lugar algum. Não era assim que Hami funcionava. Ele nunca se viu como vítima de nada. Lançou mão das oportunidades que teve e jamais deixou de compartilhar o que aprendera. Tinha a mesma atitude humilde de Nelson Mandela, *xhosa* do Cabo Leste como ele.

EM 2003, a Universidade da Cidade do Cabo fez um anúncio extraordinário. Pela primeira vez em sua história, um homem que jamais terminara os estudos receberia um diploma honorário de Mestre em Medicina.

O homem que começara a trabalhar ali como jardineiro mais de quatro décadas antes percorreu o corredor do salão de formatura onde antes legiões de alunos haviam recebido seus diplomas. Hamilton, imponente num terno escuro, permaneceu imóvel no palco, enquanto David Dent, professor de cirurgia, lia o discurso que o descrevia como “um professor extraordinário e artífice da cirurgia”. Quando leu as palavras “a universidade homenageia um homem que ensinou a arte da cirurgia para muitos”, Hamilton deu um passo à frente. Milhares de alunos e de acadêmicos aplaudiram sem parar.

Uma foto dessa cerimônia ocupava lugar de destaque na modesta casa de Hamilton, em Langa, ao lado de uma

do presidente Thabo Mbeki entregando-lhe a Ordem de Mapungubwe, em bronze, por serviços prestados à nação.

Vi Hamilton pela última vez um pouco antes do Natal de 2004. Sentamo-nos na sala de sua casa e conversamos sobre nossas famílias. O envolvimento no campo da medicina continua: a filha, Vuyokazi, é enfermeira na Cidade do Cabo.

Em junho de 2005, num ensolarado dia de inverno na Cidade do Cabo, a família, os amigos e ex-colegas de Hami se reuniram no velho laboratório, hoje fechado. Ele morrera um mês antes, aos 78 anos, e fora enterrado nas verdejantes colinas do Cabo Leste que tanto amara.

Cirurgiões, professores, médicos e técnicos de laboratório compartilharam as lembranças que tinham dele. Anwar Mall, professor-assistente de ciências cirúrgicas, captou a essência de como nos sentíamos: “Hamilton Naki foi um gigante. Quando eu era pequeno, Chris Barnard era o meu herói. Mas, à medida que fui crescendo, me dei conta de que pessoas como Hamilton é que são os verdadeiros heróis.”

E foi então que percebi que a medida mais importante da nossa vida não é o reconhecimento público e sim o legado que deixamos, as pessoas que tocamos e a forma como as tocamos.

NÃO ME DIGA!

O jornal *News-Enterprise*, de Kentucky, informou algo que a maioria dos seus leitores deve ter deduzido por conta própria: “Nem todas as vítimas de homicídio têm a sorte de chegar ao tribunal. Algumas nem chegam com vida à delegacia.”

MICHAEL HUGHEY, EUA